



MODERNISMOS

Poesia em Pernambuco – recortes



Pedro Américo de Farias

Um pouco de crítica, sob livre escolha de temas e nomes, mesclada com uma pitada de memória da experiência de Pedro Américo na vida literária do Recife, entre os anos de 1970 e 2015, especialmente escrito para a terceira edição da Semana de Letras – 2022 do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – CEFET-MG.



MODERNISMOS
Poesia em Pernambuco
– recortes

led



Pedro Américo de Farias

**MO
DER
NIS
MOS ?**

Sim, no plural. A gente costuma se referir a um só, que é o modernismo brasileiro, oficialmente lançado em fevereiro de 1922, na Semana de Arte Moderna de São Paulo. Conferências, debates, recitais, exposições de arte, aplausos calorosos e calorosas vaias.

Vamos, então, encontrar modernização na literatura do Rio de Janeiro, do Rio Grande do Sul, de Minas Gerais, de Pernambuco, do Maranhão, do Ceará etc.

À medida que as ideias vão contaminando capitais e grandes cidades do país onde há vida literária, escritoras e escritores reagem, positiva e/ou negativamente, aos princípios estéticos e filosóficos das correntes desse modernismo, multiplicado em novas fases e muitas faces.

Sumário

Anos 1920-30	4
Pré-modernidade	13
Anos 1940-70	16
Maledicência e paródia	23
Rica experiência editorial:	
O Gráfico Amador	29
Meus tempos de editor(ação)	31
Poemas de minha autoria	34
Referências	41
Sobre o autor	42

Anos 1920-30

E assim chegamos a Pernambuco, digo, ao Recife. Mas quem é que chega? A Semana de Arte Moderna não chegou nem chegaria, a não ser uns reflexos por revistas e jornais e por um ou outro mensageiro da “boa nova”, como se deu com o jornalista pernambucano Joaquim Inojosa (1901-1987), que, eufórico, chegou de São Paulo pregando o credo modernista, que ele próprio seria incapaz de seguir em prosa ou verso.

Inojosa criou a revista *Mauricéa* (1923) como veículo de propaganda estética e se servia do *Jornal do Commercio*, fundado em 1919, para a veiculação de seus artigos. Batia de frente com o grupo liderado por Gilberto Freyre (1900-1987), que utilizava “o mais antigo jornal em circulação na América Latina”, o *Diário de Pernambuco* (1825), em defesa do seu “Regionalismo tradicionalista e, a seu modo, modernista do Recife”.

Gilberto Freyre ainda não era o famoso autor de *Casa Grande e Senzala* (1933), mas passeava pela Europa e tinha seu doutorado pela Columbia University. Longe de ser um modernista tipo Oswald de Andrade, antecipador de uma vanguarda radical, no entanto, o tropicalismo de 1968, certamente espelhado na Antropofagia oswaldiana, encontraria, também em Gilberto Freyre, um dos seus futuros pontos de apoio.

Quando trata do Movimento Regionalista, que encabeçou, Freyre declara que este é

desejoso de que pintores decorassem nossos edifícios e nossas praças com figuras de negros e mestiços trabalhadores de engenho, de trapiche, de cozinha e não apenas com perfis, bustos e estátuas equestres de generais, bispos e doutores brancos; que essas ruas e praças fossem arborizadas com árvores das matas brasileiras e não exóticas; desejoso, também de que nos romances, nos contos, nos ensaios, na poesia, no teatro, os escritores, sem se tornarem sectariamente regionalistas, não se envergonhassem de ser regionais nos seus motivos e modos de expressão. [Trecho da apresentação do *Manifesto Regionalista* de 1926]

Manuel Bandeira (1886-1968), pernambucano, vivente no Rio de Janeiro desde os 14 anos até falecer, era chamado por Mário de Andrade de o “São João Batista do Modernismo”, porque começara a construção do seu lirismo libertador bem antes da Semana de Arte Moderna, à qual não compareceu, mas em que foi lido o seu poema “Os sapos”, escrito em 1918, interessante sátira aos poetas parnasianos, que eram o saco de pancadas dos participantes da Semana.

Bandeira, com o poema “Evocação do Recife” (de 1925, encomendado por Gilberto Freyre), pode, ao mesmo tempo, representar uma das mais radicais tendências do encontro da expressão literária com a língua do povo, bem como o regionalismo tradicionalista defendido por GF:

Evocação do Recife

Recife

Não a Veneza americana

Não a Mauritsstadt dos armadores das Índias Ocidentais

Não o Recife dos Mascates

Nem o Recife que aprendi a amar depois...

Recife das revoluções libertárias

Mas o Recife sem história nem literatura

Recife sem mais nada

Recife da minha infância

A Rua da União onde eu brincava de chicote-queimado e partia as vidraças

[da casa de Dona Aninha Viegas

Totônio Rodrigues era muito velho e botava o pincenê

na ponta do nariz

Depois do jantar as famílias tomavam a calçada com cadeiras, mexericos,

[namoros, risadas

A gente brincava no meio da rua

Os meninos gritavam:

Coelho sai!

Não sai!

À distância as vozes macias das meninas politonavam:

Roseira dá-me uma rosa

Craveiro dá-me um botão

(dessas rosas muita rosa

terá morrido em botão...)

De repente

nos longes da noite

um sino

→

Uma pessoa grande dizia:

Fogo em Santo Antônio!

Outra contrariava: São José!

Totônio Rodrigues achava sempre que era São José.

Os homens punham o chapéu saíam fumando

E eu tinha raiva de ser menino porque não podia ir ver o fogo

Rua da União...

Como eram lindos os nomes das ruas da minha infância

Rua do Sol

(Tenho medo que hoje se chame do Dr. Fulano de Tal)

Atrás de casa ficava a Rua da Saudade...

... onde se ia fumar escondido

Do lado de lá era o cais da Rua da Aurora...

... onde se ia pescar escondido

Lá longe o sertãozinho de Caxangá

Banheiros de palha

Um dia eu vi uma moça nuinha no banho

Fiquei parado o coração batendo

Ela se riu

Foi o meu primeiro alumbramento

Cheia! As cheias! Barro boi morto árvores destroços redemoinho sumiu

E nos pegões da ponte do trem de ferro os caboclos destemidos em

[jangadas de bananeiras

Novenas

Cavalhadas

Eu me deitei no colo da menina e ela começou a passar a mão nos meus

[cabelos

Capiberibe

– Capibaribe

Rua da União onde todas as tardes passava a preta das bananas com o xale

[vistoso de pano da Costa →

E o vendedor de roletes de cana
O de amendoim
 que se chamava midubim e não era torrado era cozido
Me lembro de todos os pregões:
 Ovos frescos e baratos
 Dez ovos por uma pataca
Foi há muito tempo

A vida não me chegava pelos jornais nem pelos livros
Vinha na boca do povo na língua errada do povo
Língua certa do povo
Porque ele é que fala gostoso o português do Brasil
 Ao passo que nós
 O que fazemos
 É macaquear
 A sintaxe lusíada
A vida com uma porção de coisas que eu não entendia bem
Terras que não sabia onde ficavam
Recife...
 Rua da União...
 A casa de meu avô...
Nunca pensei que ela acabasse
Tudo lá parecia impregnado de eternidade
Recife...
 Meu avô morto.
Recife morto, Recife bom, Recife brasileiro como a casa de meu avô
Rio, 1925

[Libertinagem, 1930. In: *Estrela da vida inteira*, p. 133]

Um pouco antes de Gilberto realizar o seu 1º Congresso Regionalista (1926), no mesmo ano em que Inojosa lançava a 1ª revista *Mauricéa* (1923), um grupo recifense de poetas também criava a *Revista do Norte*. Aí figuravam José Maria de Albuquerque e Mello, Joaquim Cardozo,

Benedicto Monteiro e outros. Entre todos destaco Joaquim Cardozo (1897-1978), que viria a ser um dos mais interessantes e cultos poetas que o Brasil já (des)conheceu.

João Cabral de Melo Neto, grande amigo, diz dele: “Joaquim Cardozo foi um dos maiores poetas que conheci... Foi o homem mais culto que conheci na minha vida. Sabia até chinês...”. E, no entanto, desligado de preocupações com o sucesso, somente em 1947, aos 50 anos, é que, por iniciativa de amigos, teve publicado o seu primeiro livro, *Poemas*, pela Editora Agir, com apresentação de Drummond, um dos seus bons amigos. Vejamos um poema de Cardozo:

Inverno

A chuva cai, alaga o chão, encharca os ventos;
Ventos, velas fantasmas que vêm perdidas do alto mar.

A noite faz muito tarde.

Pobres ventos sem trabalho,
Expulsos dos moinhos, dos navios,
Desembarcados no primeiro porto,
E que vão pelas ruas vazias
Batendo às portas num clamor de rajada,
De lamento e revolta.

A noite ressuscita o silêncio em todos os rumores.

Inverno!
Água que canta nas sarjetas,
Perdoe, água mendiga.

No meu quarto sem conforto
Penso nas horas que passaram,
Abro um livro sobre meus joelhos.

→

A alma de meu avô vem pela sala deserta
Sentar-se ao pé de mim sobre o meu leito

O meu bonito avô Manuel Antônio.

[Poemas, 1947. In: *Poesia completa e prosa*, p. 155]

Esse grupo fazia parte de uma rapaziada bem maior de intelectuais, artistas, jornalistas e boêmios, que se encontravam no Café Continental, junto à loja da fábrica de cigarros Laffayette, esquina da Rua do Imperador com 1º de Março. Um deles era o poeta Ascenso Ferreira, 1,96m de sonetos parnasianos e 116kg em jejum, que se tornaria, após 1922, um inovador da linguagem modernista, além de, por influência direta de Mário de Andrade, um excelente pesquisador do folclore pernambucano. Também publicou poemas na *Revista de Antropofagia*, de 1928, criada e dirigida por Oswald de Andrade.

Manuel Bandeira sobre Ascenso recitador:

“... quem não ouviu Ascenso dizer, cantar, declamar, rezar, cuspir, dançar, arrotar os seus poemas não pode fazer ideia das virtualidades verbais neles contidas, do movimento lírico que lhes imprime o autor”.

Dois poemas de Ascenso Ferreira (1895-1965):

Maracatu

Zabumbas de bombos,
estouros de bombas,
bataques de ingonos,
cantigas de banzo,
rangir de ganzás...

– Loanda, Loanda, aonde estás?
Loanda, Loanda, aonde estás?

As luas crescentes
de espelhos luzentes,

→

colares e pentes,
queixares e dentes
de maracajás...

– Loanda, Loanda, aonde estás?
Loanda, Loanda, aonde estás?

A balsa no rio
cai no corrupio,
faz passo macio,
mas toma desvio
que nunca sonhou...

– Loanda, Loanda, aonde estou?
Loanda, Loanda, aonde estou?

[Catimbó, 1927. In: *Poemas* (1922-1953), p. 35]

Minha escola

A escola que eu frequentava era cheia de grades como as prisões.

E o meu Mestre, carrancudo como um dicionário;
complicado como as Matemáticas;
inascessível como Os Lusíadas de Camões!

À sua porta eu estacava sempre hesitante...
De um lado a vida... A minha adorável vida de criança:
Pinhões... Papagaios... Carreiras ao sol...
Voos de trapézio à sombra da mangueira!
Saltos da ingazeira para dentro do rio...
Jogos de castanhas...
– O meu engenho de barro de fazer mel!

Do outro lado, aquela tortura:
“As armas e os barões assinalados!”
– Quantas orações?
– Qual é o maior rio da China?
– $A2 + 2AB$ – quanto?
– Que é curvilíneo convexo?
– Menino, venha dar a sua lição de retórica!

→

- “Eu começo, atenienses, invocando a proteção dos deuses do Olimpo para os destinos da Grécia!”
- Muito bem! Isto é do grande Demóstenes!
- Agora, a de francês:
- “Quand le christianisme avait apparu sur la terre...”
- Basta.
- Hoje temos sabatina...
- O argumento é a bolo!
- Qual é a distância da Terra ao Sol?
- ?!! – Não sabe? Passe a mão à palmatória!
- Bem, amanhã quero isso de cor...

Felizmente, à boca da noite,
eu tinha uma velha que me contava histórias...
Lindas histórias do reino da Mãe d'Água...
E me ensinava a tomar a bênção à lua nova.

[Catimbó, 1927. In: *Poemas* (1922 – 1953), p. 37]

Pré-modernidade

Ascenso Ferreira nos ajuda a conhecer o Sertão, o Agreste, a Zona da Mata e o Recife, junto com João Cabral, que puxa o Rio Capibaribe lá do município de Poção até o centro do Recife. E nos facilitam a inclusão de uma diferente modernidade, mesmo uma pré-modernidade, que arrasta a poesia popular do cordel, das violas, dos sambas de caboclos, com seus temas tradicionais, para o século XX, para a vida urbana das praças e mercados, onde passam a traduzir o grito de angústia e seus clamores contra as injustiças sociais.

Novamente Carlos Drummond de Andrade se junta aos pernambucanos, dessa vez em defesa de um paraibano que viria a ser, no Recife, o mais famoso poeta e editor de cordel brasileiro. Escreve Drummond, no *Jornal do Brasil*, em 09/09/1976:

Em 1913, certamente mal informados, 39 escritores, num total de 173, elegeram por maioria relativa Olavo Bilac príncipe dos poetas brasileiros. Atribuo o resultado à má informação porque o título, a ser concedido, só podia caber a Leandro Gomes de

Barros, nome desconhecido no Rio de Janeiro, local da eleição promovida pela revista Fon-Fon!, mas vastamente popular no Norte do país, onde suas obras alcançaram divulgação jamais sonhada pelo autor de “Ouvir estrelas”.

Citado aqui por Francisco Cláudio Marques, em *Um pau com formigas*, continua Drummond, justificando seu argumento:

A poesia parnasiana de Bilac, bela e suntuosa, correspondia a uma zona limitada de bem-estar social, bebia inspiração europeia e, mesmo quando se debruçava sobre temas brasileiros, só era captada pela elite que comandava o sistema de poder político, econômico e mundano. A de Leandro, pobre de ritmos, isenta de valores musicais, sem apoio livresco, era a que tocava milhares de brasileiros humildes, ainda mais simples que o poeta, e necessitados de ver convertida e sublimada em canto a mesquinharia da vida. (MARQUES, 2014).

Não precisaria mais do que o Drummond para mostrar que, entre Bilac e Leandro, a modernidade pertence ao segundo, comprometido que era com as dores e alegrias do povo brasileiro do século XX. Mas podemos agregar um bom reforço através do texto de um renomado crítico literário, João Luiz Lafetá, em seu livro 1930 – *a crítica e o modernismo*:

O Modernismo brasileiro foi tomar, das vanguardas europeias, sua concepção de arte e as bases de sua linguagem: a deformação do natural como fator construtivo, o popular e o grotesco como contrapeso ao falso refinamento acadêmico, a cotidianidade como recusa à idealização do real, o fluxo da consciência como processo desmascarador da linguagem tradicional. Ora, para realizar tais princípios os vanguardistas europeus foram buscar inspiração, em grande parte, nos procedimentos técnicos da arte primitiva, aliando-os à tradição artística de que provinham e, por essa via, transformando-a; mas no Brasil – já o notou Antonio Candido – as artes negra e ameríndia estavam tão presentes e atuantes quanto a cultura branca, de procedência europeia. O senso do fantástico, a deformação do sobrenatural, o canto do cotidiano ou a espontaneidade da inspiração eram elementos que circundavam as formas acadêmicas de produção artística. Dirigindo-se a eles e dando-lhes lugar na nova estética o Modernismo, de um só passo, rompia com a

ideologia que segregava o popular – distorcendo assim nossa realidade – e instalava uma linguagem conforme a modernidade do século. (LAFETÁ, 1974).

Leandro Gomes de Barros nasceu em Pombal (PB), em 1865, migrou para o Recife, onde instalou-se como editor de cordéis, sendo autor de centenas de títulos e editor também de inúmeros poetas. Morreu no Recife em 1918, após a publicação de um folheto pelo qual foi preso. Morte suspeita. Vejam a primeira estrofe de “A palmatória e o punhal”:

Desde que entrou a República
Que o nosso paiz vae mal
Pois o lençol da miséria
Cobriu o mundo em geral
Deixando a mão entregue
À palmatória e ao punhal.

(MARQUES, 2014, p. 369)

Anos 1940-70

João Cabral de Melo neto (1920-1999), primo de Manuel Bandeira, com quem manteve grande amizade, e de Gilberto Freyre, de quem manteve boa distância. Mais do que um divisor de águas, JCMN é um OPNI (Objeto Poético Não Identificado) na poesia brasileira, por sua racionalidade técnica e filosófica no fazer poético, distante do lirismo sentimental, individualista que caracteriza grande parte da poesia brasileira, antes e depois dele, pelo menos até finais dos anos 1950, quando passamos a ter outras referências estéticas.

Apaixonado pela literatura espanhola, que muito estudou e considera sua grande escola, também na Espanha, leia-se Catalunha, vamos encontrá-lo apreciador de touradas, do bailado flamenco e do *cante hondo* (dos ciganos), além de fã do compositor e pianista Manuel de Falla (1876-1946), autor de *El amor brujo*. Daí construo minha antítese à tão propalada e mal concebida versão de que o nosso poeta desgosta

de música: Cabral gosta de música, sim. No poema que segue, homenageia o *cante hondo*:

A Antonio Mairena, *cantador de flamenco*

Existir como quem se arrisca
como nesse cante em que se atira:

o cantador no alto do mastro
por sua voz mesma levantado,

só se tem enquanto a voz tensa,
na medida em que sempre cresça;

ele não pode qualquer falha
sem que desse mastro não caia,

desse mastro por sua voz criado,
que só pode ser no mais alto,

pois que ao descuido de um instante
cairia do alto de seu cante.

[Agrestes (1981 – 1985). In: *Obra completa*, p. 543]

Aqui adiciono mais alguns nomes que, a meu ver (sem demérito de outros), honram os princípios da modernidade poética em Pernambuco, com produção iniciada, em média, entre os anos 1960 e 70:

Sebastião Uchoa Leite (1935-2003) nasceu em Timbaúba, no Agreste, foi professor de Biblioteconomia na Universidade do Recife, hoje UFPE, e membro do grupo O Gráfico Amador, editora de arte gráfica criada em 1954. Demitido da Universidade pela Ditadura de 1964, migrou para o Rio de Janeiro, onde faleceu. Poeta radicalmente comprometido com o texto de invenção, bastante influenciado pelo grupo da poesia concreta, especialmente por Haroldo de Campos.

Poética dos mosquitos

as moscas pernambucanas
nem místicas nem metafóricas
são indiferentes:
com certo método espicaçam
a classe média dos aflitos
os proletários do alto do pascoal
nem históricas nem marxistas
na impertinência estilística
mas ainda mais fino
ou mais zombeteiro
é o método das muriçocas
seja dos mangues ou casa forte:
zumbem não-apocalípticas
monótonas e metálicas
com picadas de agulha
numa espécie de poética átona

[Isso não é aquilo (1979-82). In: *Poesia completa*, p. 130]

Celina de Holanda (1915-1999). Herdeira da aristocracia canavieira, na vida adulta dedicou-se ao movimento pastoral da Ação Católica Operária, contrariando os interesses da família. Sua poética é quase toda atravessada por seu pensamento político voltado à solidariedade. Escolhi para leitura um poema com ternura de avó, ritmo de coco e toque de futurismo:

Motocicleta

Os olhos que antes
menino
corriam
nos pés sobre a areia
perdidos na festa
do seu papagaio,
estão descentrados

→

das nuvens das águas
vidrados parados
na velocidade
da motocicleta.

[*A mão extrema*, p. 38]

Marcelo Mário de Melo (1944). Militante político que transformou seus oito anos e alguns meses de cadeia em leitura e aprendizado da poesia. Diz-se “poeta materialírico, entende que o exercício poético não deve ser transformado numa nova modalidade de culto, pois já existem religiões demais no mundo e a religião é uma filha desnaturada da emoção e da poesia”.

A propósito de determinada poesia

Alguma coisa de metal e gelo
retira do caminho toda surpresa
Alguma falta de impulso e sopro
transforma o vestido em armadura
Alguma pasta de cimento e cinza
encerra o arco-íris num capuz
Alguma enrijecida engenharia
amarra o abraço em dobradiças
Alguma coisa de boneca inflável
frustrando o sabor da carne viva.

[*Estação Recife: coletânea poética 3*, p. 38]

Maria da Paz Ribeiro Dantas (1940-2011). Toda a sua vida como ca-deirante não a impediu de tornar-se uma grande estudiosa: poeta, ensaísta, crítica, tradutora e mestra em teoria literária, cuja dissertação *O mito e a ciência na poesia de Joaquim Cardozo* foi publicada pela José Olympio (1985). Ainda escreveu *Joaquim Cardozo: contemporâneo do futuro*, que inclui biografia, estudo crítico e antologia.

O canto do galo

Lança o galo
rompantes sonoros
intermitentes jatos
da garganta de bronze
agressivos
coágulos
de um metal sonoro
fundido
em canto trabalhado

[*Estação Recife: coletânea poética 3*, p. 55]

Alberto da Cunha Melo (1942-2007). Poeta, sociólogo e jornalista. Muitos livros publicados. Integrante da chamada Geração 65 de poetas pernambucanos, reconhecido como um dos seus mais destacados nomes e, possivelmente, uma das mais fortes vozes da poesia brasileira nos últimos 60 anos.

Ritual do espancamento

Espancado para aprender
a espancar
e ser espancado,
espancado em nome de Deus
ou de um jarro quebrado,
espancado para falar
e calar
o próprio espancamento.
Espancado para aprender
que os homens aprendem
espancando e sendo espancados,
espancado para dizer
que não foi espancado,
espancado para morrer

→

pensando que o mundo
está povoado
de espancados que espancam
e espancadores espancados.

[*Estação Recife*: coletânea poética 1, p. 15]

Almir Castro Barros (1945). Poeta em tempo integral, define-se como “vacionado para a expressão surreal”. Sua produção literária reflete uma consciência filosófica contemporânea em sintonia com a melhor crítica social e a estética da modernidade, no sentido baudelaireano. Considera leitura obrigatória Murilo Mendes (da fase surreal), Paul Eluard, Ítalo Calvino e Cesar Vallejo.

Se já nem sonho

Década após década cada um
se aproxima do último caminho
quando uma árvore ou o amor
é só isso.

Alguns desabam pela dor
outros desaprendem a comoção,
de tanto aplauso.

Eu,
se já nem sonho
abro um atlas e viajo
escolhendo com a mão onde anoitece
cedo.

[*Estação Recife*: coletânea poética 1, p. 32]

Márcia Maia (1951). Médica e poeta na mesma dimensão profissional e humana. “Durante algum tempo, dediquei-me à medicina e aos três filhos, enquanto minha poesia, secretamente, hibernava. E incomodava. Não resistindo aos seus apelos, voltei à lida poética...” Voltou com força.

Decomposição

O amor apodrece como fruta
sobre a mesa.

as moscas zunem.

o sol se põe azul, no vidro
da fruteira.

no mais, além de solidão
e pasmaceira,

um cheiro acre-adocicado
de decomposição.

[*Pernambuco, terra da poesia*, p. 447]

Maledicência e paródia

Aqui, para fechar esta pequena mostra da modernidade século XX em Pernambuco, abrimos uma brecha aos malditos, que problematizam o discurso das vacas sagradas. Escolhi três poetas que usam o poder da paródia, no melhor estilo da contra-dicção. São eles, por ordem de entrada em cena:

Frederico Barbosa (1961). Poeta, crítico e professor de literatura, inicia sua produção poética pelos anos 1990. Estudioso da poesia de invenção, em que se incluem boas análises sobre João Cabral e Sebastião Uchoa Leite. O poema a seguir é uma sarcástica paródia à “Evocação do Recife”, de Manuel Bandeira:

Vocação do Recife

Recife

Não a Veneza americana

Não a Mauritsstadt dos armadores das Índias

→

Ocidentais
Não a Recife dos Mascates
Nem mesmo o Recife que aprendi a amar depois —
Recife das revoluções libertárias
Mas o Recife sem história nem literatura
Recife sem mais nada
Recife da minha infância

[Manuel Bandeira – Evocação do Recife]

Recife sim
das revoluções libertárias
da teimosia ácida
do contra.

Não o Recife da minha infância
de golpes e exílios
gorilas e séquito
de vermes venais.

Recife sim
da coragem Caneca
da conscientização neológica
das lutas ligas lentas
do sempre
não.

Não o Recife sem literatura
no papo raso da elite vesga
a vida mole e a mente dura.

Recife sim
poesia e destino
na memória clandestina
de sombras magras
sobre pontes e postais.

Bandeira
sutil na preterição sim.

Clarice sim
frieza entranhada
na estranheza de ser Recife.

→

Recife sim
na literatura navalha
só lâmina solar
solidão sem soluços
só suor de João Cabral.

Recife sim
nos cortes certos
de Sebastião
contra a metáfora vaga
e o secreto.

Não o Recife sonho consumo
de turistas e prostitutas
na praia do sim
shopping sem graça
de Boa Viagem.

Recife sim
que em Nova Iorque
se revê
Hudson Capibaribe
ecos de Amsterdam.

Recife rios
ilhas retalhos
retiros velhos
reflexos de Holanda.

Não o Recife que revolta
na extrema diferença.
Não o Recife que expulsou
sua própria inteligência.

Recife sim
que se revolta
vivo.

Faca clara
que ainda fala
não.

[*Invenção Recife* – coletânea poética 2, p. 36-38]

Jomard Muniz de Britto (1937). Vivo e bulindo, no sentido de bullying intelectual. Professor de Filosofia, integrou a equipe de Paulo Freire, foi demitido da UFPE em 1964 e readmitido em 1980. Sua produção de texto girou em torno da metacrítica e da metapoesia, praticou o cinema Super-8 e acompanha, nos seus 85 anos, com o máximo interesse, todas as manifestações de arte contemporânea em Pernambuco e no Brasil. Escolhi de JMB este poema com que fustiga os valores tradicionalistas do mito Gilberto Freyre, do culto ao Y:

A grande solydão (&)

não a decantada pelo mago rilke
de amores e anjos terríveis.
nem o sol da mais sólida soledade
em tropicais miscigenações.
no solar de bananeiras e mangueiras,
licores de pitanga, alfenim de freiras.
tantas comendas para múltiplos silêncios.
desabafo na cidade sitiada por clarice
em gozoso trópico de pernambucâncer:
– meus filhos, volúpia genética,
sem os lances da paterna genialidade.
– o que será que será da sorte dos netos?
– discípulos? – talvez ociosos *intelectuários*.
– dissidentes? – afortunadamente sectários.
– ressalve-se o prodígio memorial de
edson nery da fonseca, amigo irmão.
(na polifonia de alencar, euclides, machado
o entre-tempo da eloquência para
anco márcio tenório vieira *dos vieiras*)
– madá, ô madá, ô madalena, minha madeleine...
larga esse tricô tropicológico e vem me abraçar.
nos serões coçando virilhas da poesia em pânico
– vem, ó menino dos orixás, menino meta-racial

→

– fui eu quem inventou o brasil e a morenidade
de teus suores, apetites e loucos hibridismos.
DURMO SONHANDO COM A ETERNIDADE DO MEU Y.

(&) ao bi-centenário de gilberto freyre, futurólogo.

[*Invenção Recife* – coletânea poética 2, p. 43]

Wilson Araújo de Sousa (1945). Maranhense recifencizado, como dizem no Recife, onde chegou em 1970. Economista de formação, do que extrai boa parte da terminologia para seus poemas inevitavelmente trocadilhescos. Toda a sua conversa, com qualquer pessoa, é sempre impregnada de gaiatos trocadilhos. Sua mais esperada obra, em que há tempo trabalha, se chama *Humano demasiado Unamuno*. O poema a seguir é uma irônica leitura dos mitos que alimentam a mística literária e política de Ariano Suassuna:

O gênio da raça castanha

humildade
cuja dignidade
mítica
e épica
habita uma América
ibérica,
homérica
e... bíblica,
recebe a dura
mas bela missão
de ser ouvidor da rua
do brasil real
contra o brasil
oficial
da rua do ouvidor.

→

eis o sebastianista,
monarquista
e, ao modo de arraes, socialista.

[*Pernambuco, terra da poesia*, p. 383]

Rica experiência editorial: O Gráfico Amador

Editora-atelier de artes gráficas fundada no Recife, em maio de 1954, por um pequeno grupo de jovens artistas, entre os quais Aloísio Magalhães (criador da bela logomarca), Gastão de Holanda, José Laurênio de Melo e Orlando da Costa Ferreira. Tiveram a colaboração de Ariano Suassuna, João Cabral de Melo Neto (este iniciou o grupo nas técnicas de composição tipográfica). Tratava-se de uma prensa manual em que foram impressos: 27 livros, 3 volantes, 1 programa de teatro, gravuras, boletins e artigos sobre literatura e arte – toda a produção possível até a dissolução do grupo, em 1961.

Eis uma boa lista dos livros publicados por O Gráfico Amador:

1. *As conversações noturnas* (poemas) – José Laurênio de Melo (1954). 100 ex
2. *Ode* – Ariano Suassuna (1955). 25 ex
3. *Macaco branco* – Gastão de Holanda (1955). 100 ex
4. *O Gráfico Amador* (Linoleogravura) – Aloísio Magalhães (1955)

5. *Memórias do boi Serapião* – Carlos Pena Filho (1955). 140 ex
6. *Pregão turístico do Recife* – João Cabral de Melo Neto (1955). 20 ex
7. *A tecelã* – Mauro Mota (1956). 120 ex
8. *Ciclo* – Carlos Drummond de Andrade (1957). 96 ex
9. *Rumeur & vision 1* – 12 poemas de Baudelaire, Mallarmé, Verlaine, Rimbaud (1957). 200 ex
10. *Vários poemas vários* – João Cabral de Melo Neto (1957), original, inédito
11. *Improvisação gráfica* (experiências tipográficas) – Aloísio Magalhães (1958). 70 ex
12. *História de um tatuê* – Hermilo Borba Filho (1958)
13. *Aniki Bobó* – João Cabral de Melo Neto (1958). 30 ex
14. *Dez sonetos sem matéria* – Sebastião Uchoa Leite (1960). 250 ex
15. *Gesta e outros poemas* – Jorge Wanderley (1960). 200 ex
16. *A rosa jacente* – Geraldo Valença (1960). 300 ex
17. *Recife – Olinda* – Eugênia Miller Brajnikov. Álbum c/dez litografias (1960). 120 ex
18. *Romance de Dom Beltrão* – Lélia Coêlho Frota (1960). 30 ex
19. *O burro de ouro* – Gastão de Holanda (1960). 2400 ex
20. *Dois poemas incidentes* – Orlando da Costa Ferreira (1961). 140 ex
21. *Arte pernambucana 1* – reprodução de telas e painéis de cerâmica – Francisco Brennand (1961). 800 ex.

Meus tempos de editor(ação)

Fundação de Cultura (Prefeitura do Recife)

Em 1986, entrei para a gestão do primeiro prefeito eleito depois da ditadura. A Fundação tinha um Programa Editorial bem tímido devido à pouca verba e à carência de compromisso. Organizamos, nos primeiros dias da gestão, uma conferência pública visando à elaboração de um projeto para o setor. Da conferência resultou uma série de princípios:

a) Tínhamos um concurso literário, premiando os originais de livros nas categorias teatro, poesia, ensaio e ficção. Os prêmios eram em dinheiro, mas os livros não eram editados. Passamos a editar os livros, anualmente;

b) Havia uma prática viciosa de publicação dos livros de amigos, sem considerar o valor literário ou científico. Trocamos isso por uma escolha criteriosa, remetendo a demanda ao concurso ou, conforme a natureza e o valor dos textos para a história e a cultura da cidade, solicitando pareceres técnicos de especialistas. Esse item, por exemplo, foi inaugurado com a edição do livro *Memorial do MCP* (Movimento de Cultura Popular), comemorando os 26 anos de sua criação, em 1960, na gestão

do prefeito Miguel Arraes de Alencar. O livro reúne imagens e textos, documentos diversos do referido Movimento, que, além de sua importante atuação no Recife, inspirou a criação dos Centros Populares de Cultura (CPCs) da UNE em vários estados brasileiros. O MCP foi extinto pela ditadura em 1964, quando Miguel Arraes já era governador do estado, ocasião em que foi preso e exilado. Foi no teatro do MCP que se iniciaram os atores Nelson Xavier e José Wilker;

c) Tornei-me funcionário da Fundação de Cultura, pela qual me aposentei em 2014. Em 2002, por conta de uma grande demanda por publicação dos chamados “poetas marginais”, desengavetamos uma lei antiga que havia instituído o “Dia do Poeta Recifense” e passamos a comemorá-lo em grande estilo. Era o dia 16 de agosto, data de nascimento de um notável poeta pernambucano, Mauro Mota. Realizamos, no Pátio de São Pedro, um grande recital, com subida ao palco por ordem de inscrição. Entre homens e mulheres poetas da rubrica “marginal” inscreveram-se e recitaram 90 jovens. Sem dúvida ali estavam representados todos os bairros e municípios da periferia do Grande Recife. E ali mesmo, o presidente da Fundação de Cultura, artista plástico Fernando Duarte, me disse: “Eu acho que isso está pedindo um Festival, não?”. Respondi: “Vou escrever o projeto e levo pra gente discutir”. Daí resultou A Letra e a Voz – Festival Recifense de Literatura, iniciado em 2003, que acabou de realizar, em agosto deste ano, sua 19ª edição;

d) O recital de 2002, como resposta à demanda por publicações, já significou o lançamento do primeiro volume da *Marginal Recife* – coletânea poética. Na sequência, até 2006, foram editados mais quatro volumes. Ao todo, incluídos 50 poetas, cada volume contendo dez, entre homens e mulheres. Também criamos a *Estação Recife* – coletânea poética, dedicada aos poetas consagrados, com três volumes entre os anos 2003 e 2004, seguindo o mesmo critério de dez por volume, 30 autores homens e mulheres editados. Por fim, para os autores da chamada “poesia de invenção”, criamos a *Invenção Recife* – coletânea poética, com dois volumes (ambos em 2004), dez autores cada, total de 20, homens e mulheres. Portanto, entre 2002 e 2006 demos voz a 100 poetas.

Companhia Editora de Pernambuco – Cepe

Em 2011 entrei para o seu Conselho Editorial. Gráfica e editora que queriam privatizar, é hoje (tendo como diretor de produção e edição o mineiro Ricardo Melo) uma das melhores editoras oficiais do Brasil. Promove um concurso estadual, Prêmio Hermilo Borba Filho, e

três Prêmios Nacionais de Literatura – adulto, infantil e juvenil. É um programa editorial altamente organizado e concorrente, com ótimo trabalho de editoração e impressão de livros em belíssimas encadernações.

Experiência individual

Tudo começou em 1978, com os Cadernos Reler, nome da livraria-sebo que inaugurei. Editamos dois números, cada um com cerca de oito poetas estreantes.

Em 1994 criei o selo Língua de Poeta, que abri com o *Picardia*, livro de poemas confeccionado em gráfica manual, impresso e ilustrado pelo xilogravador Marcelo Soares; segui usando o Língua de Poeta nos folhetos de cordel *A Revolução Francesa* (2001) e *Alice nos sertões do ex-cangaço* (2004), no audiolivro *Linguaraz* (2009) e no livro de bolso *ParÍmpar* (2009), este em coautoria com Wilson Araújo de Sousa.

Por fim, lancei o selo Linguaraz Editor, projeto com intuito de coletivização, mas com modesto resultado. Editei *Coisas: poemas etc* (2015) e três livros de poetas mulheres em 2016, a saber: *O que ficou da fotografia* (Socorro Nunes), *Tempos de Alice* (Clarissa de Figueirêdo) e *A mulher fósforo* (Mariana Tabosa). Aqui encerrei minha estropiada carreira de editor. Agora, aos 75 anos, já não corro mais atrás de nada, só faço ler, escrever, assobiar e cantar. E caminhar na Praça da Liberdade.

Poemas de minha autoria

Paralelepípedo

(canto pedregoso em terza rima)

nasci pedro assim me encaixo
pedregulho entre pedreiras
rolando penhasco abaixo

cresci pedra por ladeiras
açudes roças e rios
fui trempe para fogueiras

sofri febres calafrios
senti no couro chibatas
meus ais viraram assobios

sonhei sonhos em cascatas
neles cacei capivaras
vivi com nefelibatas

habitando nuvens raras
caí que nem bendengó
amassando algumas caras

mas hoje sou pedra-mó

[Linguaraz, p. 14-15]

Liquid(ific)ação

Há horas em que o desânimo
entra na minha casa
sem bater à porta
instala-se de tal maneira
posudo e arrogante

que chego a pensar
com meus velhos botões
que a humanidade veio
ao mundo para reduzi-lo
a um monte de tralhas

concluído o trabalho
o produto final
será exposto à venda
no Ferro Velho de Deus

[*Coisas: poemas etc*, p. 86]

A pichação

Um caminhante observa
onde era rio de água limpa
hoje é esgoto a céu aberto

leu num outdoor
Declare seu amor à cidade!

Grafitou embaixo
Sim! Eu amo esta merda!

[*Coisas: poemas etc*, p. 32]

Para que pomposa frase

Há muita gente pedante
verniz intelectual
mais do que isso boçal
que quer mostrar-se brilhante
jamais será diamante
confuso conhecimento
rococó no pensamento
com falação kamicaze
para que pomposa frase
em raquítico argumento?

Difícil simplicidade
para quem fala enrolado
no seu estilo empolado
cai na obscuridade
fugindo da claridade
tal qual vampiro sedento
empurrado pelo vento
confeccionado com gaze
para que pomposa frase
em raquítico argumento?

[Desaboios, p. 41]

Geografia de Canudos

(toponímia “arrastada” de Os sertões, de Euclides da Cunha)

Jeremoabo, Natuba
Pambu, Bendegó, Uauá
Itapicuru, Inhambupe
Itiúba, Maçacará
Caculé ou Catolé
Cumbe, Xorroxó, Canché
Tombador, Açuruá

Açuruá, Xiquexique
Centocé, Jequié, Couchó
Serra do Piquaraçá
Monte Santo, Tragagó
Sincorá, Patamoté
Orobó e Mocujé
Quincuncá, Cocorobó

[*Desaboios*, p. 71]

Fantasia

O verde nas folhas da árvore da vida
na lápide fria sepulcro-memória
aracne-caverna passagem secreta
no lago das musas o sopro criador
há tantos motivos de medos espantos
nas vozes clamantes por nuvens escuras
mistérios surpresas pra toda emoção
o mais que não posso por hoje cantar
as musas trinando a Netuno adormecem
enquanto bailavam sereias no mar

[*Desaboios*, p. 111]

Referências

- BANDEIRA, Manuel. *Estrela da vida inteira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- CAMPOS, Antônio; CORDEIRO, Cláudia. *Pernambuco, terra da poesia*. 2 ed. Recife: Carpe Diem, 2010
- CARDOZO, Joaquim. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2007.
- FARIAS, Pedro Américo de. *Linguaraz*. Recife: Edição do autor, 2009.
- FARIAS, Pedro Américo de. *Coisas: poemas etc*. Recife: Linguaraz Editor, 2015.
- FARIAS, Pedro Américo de. *Desaboios*. Guaratinguetá: Penalux, 2020.
- FERREIRA, Ascenso. *Poemas (1922-1953)*. Recife: I. Nery da Fonseca, 1953.
- FREYRE, Gilberto. *Manifesto Regionalista de 1926*. Recife: Edições Região, 1952.
- HOLANDA, Celina de. *A mão extrema*. São Paulo: Quíron, 1976.
- LAFETÁ, João Luiz. *1930: a crítica e o modernismo*. São Paulo: Duas Cidades, 1974.
- LEITE, Sebastião Uchoa. *Poesia completa*. São Paulo: Cosac Naify, 2015.
- MARQUES, Francisco Cláudio Alves. *Um pau com formigas* ou O mundo às avessas. São Paulo: Edusp, 2014.
- MELO NETO, João Cabral de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1999.
- MONTENEGRO, Delmo; WAGNER, Pietro (Orgs.). *Invenção Recife – coletânea poética 2*. Recife: Fundação de Cultura, 2004.
- NORÕES, Everardo; TARGINO, José Carlos; FARIAS, Pedro Américo de (Orgs.) *Estação Recife – coletânea poética 1*. Recife: Fundação de Cultura, 2003.
- NORÕES, Everardo; TARGINO, José Carlos; FARIAS, Pedro Américo de (Orgs.). *Estação Recife – coletânea poética 3*. Recife: Fundação de Cultura, 2004.
- O GRÁFICO AMADOR. <https://blog.bbm.usp.br/2018>. Acesso em 03 out. 2022.



Pedro Américo de Farias é pernambucano e mora em Belo Horizonte. É licenciado em Letras, escreve poesia e prosa crítica e ficcional. Foi gestor na Fundação de Cultura Cidade do Recife, onde criou, entre outros, o projeto do festival A Letra e a Voz. Integrou o Conselho Editorial da Cia. Editora de Pernambuco – Cepe. Publicou, entre outros títulos: *Ficção em Pernambuco – breve história*, 2a ed. (c/ Cristhiano Aguiar e Socorro Nunes, 2021); *Viagem de Joseph Língua* (romance, 2009); *Par ímpar* (c/ Wilson Araújo de Sousa, 2009); *Lingua-raz* (audiopoemas, 2009).

CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS (CEFET-MG)

Diretor-Geral

Prof. Flávio Antônio dos Santos

Vice-Diretora

Profa. Maria Celeste Monteiro de Souza Costa

Chefe de Gabinete

Profa. Carla Simone Chamon

Diretor de Educação Profissional e Tecnológica

Prof. Sérgio Roberto Gomide Filho

Diretora de Graduação

Profa. Danielle Marra de Freitas Silva Azevedo

Diretor de Pesquisa e Pós-Graduação

Prof. Conrado de Souza Rodrigues

Diretor de Planejamento e Gestão

Prof. Moacir Felizardo de França Filho

Diretor de Extensão e Desenvolvimento Comunitário

Prof. Flávio Luis Cardeal Pádua

Diretor de Governança e Desenvolvimento Institucional

Prof. Henrique Elias Borges

Diretor de Tecnologia da Informação

Prof. Gray Faria Moita

DEPARTAMENTO DE LINGUAGEM E TECNOLOGIA

Chefe

Profa. Dra. Lílian Aparecida Arão

Chefe adjunta

Profa. Dra. Ana Elisa Ribeiro

BACHARELADO EM LETRAS - TECNOLOGIAS DE EDIÇÃO

Coordenadora

Profa. Joelma Rezende Xavier

Coordenadora Adjunta

Profa. Mariana Jafet Cestari



Coordenadora

Profa. Dra. Elaine Amélia Martins

Vice-coordenador

Prof. Dr. José de Souza Muniz Jr.

Comissão Editorial

Profa. Dra. Ana Elisa Ribeiro

Profa. Dra. Elaine Amélia Martins

Prof. Dr. José de Souza Muniz Jr.

Prof. Dr. Luiz Henrique Silva de Oliveira

Prof. Dr. Rogério Silva Barbosa

Prof. Dr. Wagner Moreira

Conselho Editorial

Profa. Dra. Ana Cláudia Gruszynski (UFRGS, Brasil)

Profa. Dra. Andréa Borges Leão (UFC, Brasil)

Prof. Dr. Cleber Araújo Cabral (Uninter, Brasil)

Profa. Dra. Daniela Szpilbarg (CIS-IDES-CONICET, Argentina)

Profa. Dra. Isabel Travancas (UFRJ, Brasil)

Profa. Dra. Luciana Salazar Salgado (UFSCar, Brasil)

Prof. Dr. Luis Alberto Ferreira Brandão Santos (UFMG, Brasil)

Profa. Dra. Marília de Araújo Barcellos (UFSM, Brasil)

Prof. Dr. Mário Alex Rosa (UNI-BH, Brasil)

LED é a editora-laboratório do Bacharelado em Letras – Tecnologias de Edição do CEFET-MG. Tem por objetivo proporcionar ao corpo discente um espaço permanente de reflexão e experiência para a prática profissional em edição de diversos materiais. Tem como princípios fundadores: a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão; a integração entre formação teórica e formação prática; e a valorização do aprendizado horizontal e autônomo.

<https://www.led.cefetmg.br/>

led.cefetmg@gmail.com

© Pedro Américo de Farias, 2023.

© desta edição, LED, 2023.

1ª edição, setembro de 2023.

Coordenação editorial da coleção

Ana Elisa Ribeiro e Wagner Moreira

Preparação de texto

Pedro Américo de Farias e Ana Elisa Ribeiro

Projeto gráfico e diagramação

Antônio U M de Andrade

Capa

Antônio U M de Andrade e Ana Elisa Ribeiro

Revisão de Texto

Antônio U M de Andrade

A “Coleção Aspas” tem o objetivo de publicar textos que originalmente foram falados, como conferências, palestras e aulas, de pesquisadores e pesquisadoras convidados/as.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Universitária
Bibliotecário: Wagner Moreira de Souza – CRB/6-2623

Farias, Pedro Américo de
F224m Modernismos: poesia em Pernambuco: recortes / Pedro Américo de
Farias - Belo Horizonte: LED, 2023.(Coleção Aspas)

46 p.

ISBN: 978-65-87948-37-9 (E-book)

1. Brasil - Modernismo. 2. Linguagem. I. Título.

CDD: B869.09

“ Coleção
Aspas ”

”